

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise, sob o viés da psicanálise, do livro “E se eu fosse puta”, de Amara Moira. Ao escrever uma narrativa autobiográfica, a autora coloca a si, e seu próprio corpo, como objeto de estudo, e apresenta o diário de uma travesti prostituta, que representa o cotidiano de pessoas de gênero dissidente. Este trabalho propõe-se a analisar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, as marcas da violência física e psicológica produzidas no encontro com o outro.

Palavras-chave: travesti, literatura, resistência, subjetividade, autoficção

ABSTRACT

The present work consists of an analysis, under the bias of psychoanalysis, of the book “(So what) If I’m a puta”, by Amara Moira. By writing an autobiographical narrative, the author places herself, and her own body, as an object of study, and presents the diary of a transvestite prostitute, which represents the daily life of people of dissident gender. This work proposes to analyze, through a bibliographic research, the marks of physical and psychological violence produced in the encounter with the other.

Palavras-chave: transvestite, literature, resistance, subject, autobiography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1 ESCRITA DE SI.....	10
2.2 TRAVESTILIDADES.....	12
2.3 TECENDO OS FIOS DAS MEMÓRIAS.....	15
2.4 O CORPO COMO CAMPO DE BATALHA.....	19
3. CONCLUSÃO.....	25
4. REFERÊNCIAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Travesti, doutora em Teoria Literária pela Universidade de Campinas (Unicamp), escritora e feminista. Amara Moira em “E se eu fosse puta” (2016) apresenta sua escrita como forma de denúncia e resistência de sujeitos com alteridades dissidentes e historicamente marginalizados, e expande a discussão para além, com sua escrita e seu corpo. Um corpo transgressor, que não é apenas sexualizado, é um corpo político. Através da prostituição busca reconhecer-se como sujeito, na relação consigo e com os outros, entender seu próprio corpo, sua subjetividade e sexualidade. Amara desafia as normas sociais, não ao se prostituir, mas ao escrever e expor sua vivência, ao colocar no mundo sua narrativa como forma de liberdade e renúncia ao sistema social binário, heteronormativo.

O livro escrito a partir de seu próprio corpo se torna objeto de trabalho e ao mesmo tempo campo de experimentação literária e subjetiva, “travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora” (Moira, 2016, P.20). Sua escrita nasce como um diário, a partir da experiência de se prostituir nas ruas de Campinas, que já havia sido relatada em um blog, mas também é uma denúncia, um ato de coragem, de paixão e sobretudo de desejo. Desejo por se descobrir, desejo pelo outro, desejo por escrever e construir sua narrativa própria. Uma narrativa de existência e resistência. Castello (2012) diz que “É nas frestas do real, como uma erva daninha, que a literatura nasce. A literatura não é um divertimento; tampouco é um saber especializado. Ela é um instrumento, precário e sutil, de interrogar a vida.” Ao escrever sobre os prazeres e desprazeres da rua ela escreve e se inscreve como sujeito no mundo.

Sentada no ônibus a caminho de casa, quase madrugada, noite vazia e fria, celular em mãos, é assim que ganham corpo meus relatos, é assim que ganham cor, ganham vida. O que acabei de viver, tudo ainda fresco na memória, a maquiagem borrada, gosto de camisinha na boca, o cheiro do cliente em meu rosto não importa o que eu faça, o seu cheiro de homem já tão diferente do meu – serão os hormônios? Palavras-chave marcantes vindo à tona assim que me ponho a escrever, dentes, línguas, dedos, lábios, uma puxando a

outra meio que naturalmente, o texto saindo do encontro delas mas também desde antes[...] (Moiras, 2016, p.20).

De acordo com Butler “[...] discursos, na verdade, habitam corpos. [...] os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue. E ninguém pode sobreviver sem, de alguma forma, ser carregado pelo discurso” (Butler, apud Prins e Meijer, 2002, p.11). Entendemos que a escrita do livro analisado sustenta uma denúncia, dá visibilidade para a profissão mais antiga do mundo e também a corpos marginalizados, como as travestis e prostitutas, que encontram na escuridão da noite a possibilidade de liberdade e existência.

Através da escrita, Amara vai revelando e tecendo os fios de memória, costurando e remendando a si no encontro com os outros, e tentando entender o seu próprio mundo, assim como as Moiras tecem o fio do destino dos humanos, ela tece aos seu próprio, “Destino Amargo”, Amara Moira: eis o que és, eis o que significa. Um nome, o meu nome(...) (Moiras, 2016, p.31).

A escrita já jorrava antes mesmo de ser posta em palavras, escrita antes no corpo, depois em páginas. A história, sua ficção e sua verdade, é o modo que o sujeito assume seu papel na sociedade, é por meio do trabalho de construção, de movimento, que ela constrói um lugar para si no mundo, com suas próprias palavras, através dos encontros com os Outros. Segundo Lacan “em toda ficção corretamente estruturada, pode-se constatar essa estrutura que, na própria verdade, pode ser designada como a mesma da ficção (...). A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (Lacan, [1956-57] 1995, p. 259).

O ato poético tem a possibilidade de reinventar a si mesmo, sendo o Eu um produto sempre inacabado de sua própria narrativa. A escrita liberta o sujeito, até então preso por uma narrativa social, e traz uma nova perspectiva de vida, de criação. Ao assumir para si os riscos de ser quem se é, Amara reedita a si mesma quando põe seu corpo na rua e suas palavras no mundo, “o fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (Lacan, [1953] 1985, p. 23).

Comecei por safadeza mesmo, assumo, carência brutal, vontade que me desejassem, pegassem, pagassem por mim, mas rapidinho eu vi que não era assim bom como eu sonhava e aí escrever sobre, poder

escrever sobre, começou a ser razão de eu continuar. Hoje já nem sei mais se me prostituo pra escrever ou se escrevo pra me prostituir, essa é a verdade. Quanto vocês saberiam da vida por trás dos panos da profissão mais mal falada do mundo não fosse por mim? (Moira, 2016, p.110).

Amara transforma os encontros em narrativa de si, numa tentativa de dar voz a um *Eu* que anseia por nascer por meio das palavras. “A ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional tendo em vista reconstruir uma ética do eu (Rago, 2013).

Segundo Freud “os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (Freud, 1907[1906]/1996, p. 20). A literatura atravessa toda a obra de Freud, e podemos dizer que a psicanálise tem a sua origem na literatura, ambos têm como matéria prima a narrativa. Portanto, articulando o saber psicanalítico com a literatura, analisaremos como a escrita de si de Amara é antes uma escrita do corpo, que parte de um eu corporal que se narra a partir do encontro com o outro, para depois ser posto em palavras, em subjetividade. “Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade [...] Esperamos que o corpo dite a identidade. Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (Louro, 2001, p.14). A pele permite essa intersetorialidade entre conteúdos de dentro e de fora, sendo a base da comunicação, como um pergaminho originário que guarda as marcas da construção de uma história.

O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna[...] O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície (Freud, 1923, p.39).

Portanto, partindo desses pressupostos, a escrita de si de Moira é uma forma de resistir, uma narrativa individual, mas que engloba um coletivo. Este trabalho tem

como objetivo discutir e analisar os processos de subjetivação da personagem através da narração de si, que parte antes do(s) corpo(s), e das análises por ela produzida sobre gênero, sexualidades, e identidades.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Escrita de si

A autoficção, também conhecida como escrita de si ou narrativa de si, é uma escrita subjetiva que parte das memórias, dos acontecimentos, e das reflexões de um sujeito sobre si mesmo. É um fenômeno da pós-modernidade, uma tentativa de dar voz a um *eu* que fala a partir da sua afirmação pessoal (Araujo, 2011).

Compreende-se que a maior técnica de subjetividade é a escrita, uma vez que a produção do discurso é a base da formação do sujeito e do meio em que vive (Foucault, 2004). Para o filósofo, a subjetividade é uma relação com nós mesmos “mas também a que temos com os outros, na medida em que também são nós mesmos” (Foucault, 2016, p.13), ou seja, a subjetividade não pode ser construída sozinha, ela é a relação que desenvolvemos entre o eu e o Outro.

A escrita de si é uma prática que permite que o sujeito reflita, como ser individual e social, e transforme a sua realidade. Já que o ato de refletir e narrar, não é apenas um meio de se expressar, mas também de reavaliar sua realidade, e ponderar sobre os espaços os quais o sujeito que escreve ocupa na sociedade. É uma ferramenta de ressignificação individual e também é uma ressignificação do coletivo, portanto, grupos marginalizados são especialmente favorecidos pela prática. Pois na escrita de si o discurso individual evidencia o coletivo, “quando agimos e falamos, não só nos revelamos, mas também agimos sobre os esquemas de inteligibilidade que determinam quem será o ser que fala, sujeitando-os à ruptura ou à revisão, consolidando suas normas ou contestando sua hegemonia” (Butler, 2017, p.167).

Outrora as escritas de si eram conhecidas como autobiografia, como afirma Lejeune (2008), era uma prática reservada era um exercício reservado apenas às classes mais abastadas,

escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, me grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O silêncio das outras classes

parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres (Lejeune, 2008, p.251).

A ressignificação do eu como ato autobiográfico também é uma ressignificação de um coletivo. Na medida em que a escrita é uma transformação de si mas também uma relação entre eu e o outro que forma um corpo social, e não apenas transmissão de mensagens. A prática da narrativa pode ser entendida como uma forma de analisar o social pois exerce poder no outro e alcança uma modificação na estrutura.

se as relações de poder pesam sobre mim enquanto digo a verdade, e se, ao dizê-la, exerço o peso do poder sobre os outros, então não estou apenas comunicando a verdade enquanto digo a verdade. Também estou exercendo o poder no discurso, usando-o, distribuindo-o, tornando-me o lugar da transmissão e replicação. Estou falando, e minha fala transmite o que tomo como verdadeiro. Mas minha fala também é um tipo de fazer, uma ação que acontece no campo de poder e que também constitui um ato de poder (Butler, 2017, p.159).

A narrativa de si carrega um discurso pessoal e social, e evidencia a estrutura que o constituiu como sujeito histórico. Ao romper com a norma do discurso social, os sujeitos se apropriam das estruturas de poder para se constituir como indivíduos e se construir como comunidade e como identidades. Sei que vivo porque narro, e narrando continuo vivendo, construindo a mim através da reflexão da narrativa, reconstruindo o sujeito e sua relação com o meio. "A linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio, ela é manifestação, uma revelação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes" (Merleau-Ponty, 1999, p. 266).

Na narrativa torna-se possível analisar a constituição do sujeito em relação ao tempo histórico social em que ele se insere. Sendo o eu um produto das relações e normas vigentes, como as travestis, prostitutas e mulheres carregam no seu corpo e discurso os traumas sociais que as construíram. Escrever a si é revelar e denunciar os mecanismos de opressão que esse corpo físico e subjetivo sofre, "de um corpo despotencializado e fraco surge um corpo empoderado e forte, guerreiro e reivindicador de direitos" (Peres, 2011, p.11). O corpo aqui é considerado além do físico, uma forma de encontro com o mundo e com o outro, um formador da psique

humana. Um corpo que fala, um corpo que resiste e que revela muito mais do que apenas uma experiência individual.

2.2 Travestilidades

Faz-se necessário tentar definir, apesar de ser insuficiente, o que significa travesti que será permeada pela análise, ou melhor, as travestilidades. A definição não visa limitar, mas sim entender melhor o sujeito, a comunidade e o psíquico do qual se fala, e quais as dificuldades que apenas *ser* travesti já se impõe a quem tenta subverter a norma social. Não temos a proposta de esgotar o tema, porque *ser* travesti é muito mais do que qualquer definição pré-concebida. Considerando o senso comum social, podemos encontrar no discurso do dia a dia uma noção heteronormativa e preconceituosa do que é *ser* travesti, como “aquele que nasce homem mas tenta ser mulher”, “aquele que se veste de mulher”, “homem que se veste de mulher e ainda não foi operado (Longray; Ribeiro, 2016), essas falas permeiam o senso comum do que é um corpo travesti. Entretanto de acordo com Andrade (2012)

A forma como o gênero se materializa no corpo da travesti apresenta diversas variações, sendo influenciada por classe social, trabalho, localização geográfica, faixa etária, cultura familiar, independência financeira, escolaridade e outros. Estes componentes influenciam direta ou indiretamente na estética corporal e comportamental das travestis, sendo impossível determinar uma definição que possa contemplar todas as experiências travestis ou travestilidades (Andrade, 2012, p.97).

Pelúcio (2009) compara fisiculturistas, e suas mudanças corporais às travestis, e acredita que se encontram em polos opostos. Ambos injetam hormônios e químicas disponíveis para modificar o corpo, porém os primeiros buscam a acentuar a masculinidade, não subvertendo a ordem social, nem o seu gênero, enquanto as travestis alteram a ordem binária, desafiando os entendimentos sobre sexualidade da norma socialmente aceita.

As travestilidades não se baseiam na mulher, dita de forma simples e no singular; elas se baseiam nas mulheres, em toda a sua

complexidade e pluralidade corporal e sociocultural. É por isso que elas são históricas. A vestimenta e as representações da veste são construídas em tempos e espaços específicos, em épocas e lugares distintos, e podem, dependendo de quando e de onde ela é feita, ganhar uma diversidade de formas e de cores (Andrade, 2012, p. 104).

A construção social da pessoa travesti se dá através de uma identificação específica de feminilidade. A maquiagem, os hormônios para alterar o corpo, a cenografia corporal, tudo se baseia em uma aparência física. O imaginário popular tenta classificar e dividir as pessoas em categorias limitantes, e tudo o que foge à norma é tratado como abjeto. O modo de ser e estar no mundo vai muito além do que o corpo mostra. A mudança corporal é nítida para quem vê superficialmente, mas toda mudança física vem com uma mudança antes psíquica. O corpo não é apenas uma superfície do qual se expõe roupas, maquiagens e apetrechos, é uma relação com o outro, com o meio, e com conteúdos de fora e de dentro. “Uso o termo corporalmente para representar corpo, mente e relações do corpo com o meio. —[...] não é o corpo, ou só ele, que muda. Opera-se uma alteração em todos os planos: interno/psíquico/moral, quanto externo/corporal/físico” (Pelúcio, 2009, p.232).

Quando a sociedade vê uma pessoa travesti não vê a mulher, mas sim o homem por trás da maquiagem, o biológico, o pré-definido socialmente, o falo, mesmo que ele já não esteja mais ali. A obsessão social no falo não permite que aquele que antes o tem (ou tinha) possa de alguma maneira encobrir com um objeto feminino, símbolo de fragilidade.

Por mais que haja essa identificação com o traje e com o trajeto feminino, com a trajetória das mulheres, a tendência é buscar uma origem, é perguntar pelo masculino, é violar o corpo e retirar a roupa, no sentido metafórico e, às vezes, no sentido literal, é procurar o macho que se encontra no falo, que se encontra no pênis, que se encontra na ereção e que, segundo nossa cultura, é o símbolo da masculinidade e a essência do ser (biológico) (Andrade, 2012, p.104).

Quando a sociedade olha as travestis e se incomoda é porque desafiam as normas de gênero binárias, os valores, as representações, tudo aquilo que não se

enquadra como socialmente estabelecido é tido como problema desviante e precisa ser suprimido, aniquilado, tirado de vista.

Para a maioria das pessoas, a prostituição é anormal, mas no caso da travesti é uma anormalidade que se transforma em normalidade, é uma norma social que coloca a travestis na margem, que a transforma em marginal (ANDRADE, 2012, p.113).

No imaginário social toda travesti é puta. Pois a prostituição é o único espaço em que ela pode existir fora dos olhares, nos limites da urbe, nas bordas sociais. Segundo o senso comum, a margem é o espaço reservado a quem ousa se rebelar contra as convenções sociais, aquele que vai contra o sistema de regras binário não pode querer existir, ser visto, ser gente, e ainda trabalhar de modo igualitário entre as pessoas 'de bem' da sociedade. "Vivemos imersos na rede política da diferença sexual, e não me refiro apenas às questões administrativas, mas a toda uma série de poderes microscópicos que operam sobre nossos corpos e modelam nossos comportamentos". (Preciado, 2020, p.24) As pessoas que ousam, que expõe que somos muito mais do que apenas seres dicotômicos com mentalidades fabricadas socialmente, precisam ser silenciadas, pelo medo, pela agressividade normalizada contra esses corpos. Sair da bolha do binarismo significa "entrar em um espaço subalterno, de violência e controle (Preciado, 2020, p.24).

Segundo Andrade (2012, p.119), o que incomoda as pessoas não é necessariamente o paradigma que a vida trans das travestis representa, "é pela vida das outras pessoas que aparentemente são fixas; o medo maior não são os indivíduos que estão em trânsito, são os indivíduos que estão cristalizados" (Andrade, 2012, p.119) que temem a liberdade e expressividade de um corpo e tudo o que ele pode fazer e representar, e que não se contentam com o 'estável'.

Como trans podemos entender os corpos que estão entre, que transpassam as fronteiras do normativo. "Em todos os lugares o corpo trans é odiado, ao mesmo tempo que é fantasiado, desejado e consumido" (Preciado, 2020, p.38). A travesti é aquela que está em constante processo de transitoriedade, não sendo nem masculino nem feminino, mas os dois ao mesmo tempo, um corpo em constante construção e mutação.

2.3 Tecendo os fios das memórias

O que de início nasce como relato, como tentativa de entender a si mesma, ao tentar dar vazão àquela urgência de existir, passa a ter outro tom, outras cores, a denúncia de sua condição como corpo marginalizado, um objeto abjeto que a sociedade exclui, esconde, e que só pode existir no escuro da noite, nas margens, nos becos, no segredo. No início do livro a escrita era como forma de existir, mas conforme avançamos percebemos que se torna uma forma de resistir.

Cansei de ter medo dos caminhos que ninguém escolhe. Fiz faculdade pra poder fazer sexo só de graça, aí descobri que estava perdendo dinheiro não aproveitando essa minha sabença e desenvoltura (Moirá, 2016, p.119).

No livro *Paraíso Perdido* de John Milton, Lúcifer faz um discurso ao chegar no inferno

Que importa onde eu esteja, se eu o mesmo / Sempre serei, e quanto posso, tudo / Tudo... menos o que é esse que os raios / Mais poderoso do que nós fizemos. / Nós ao menos aqui seremos livres, / Deus o Inferno não fez para invejá-lo; / Não quererá daqui lançar-nos fora: / Poderemos aqui reinar seguros. / Reinar é o alvo da ambição mais nobre, / Inda que seja no profundo Inferno; / Reinar no Inferno preferir nos cumpre / À vileza de ser no Céu escravos (Milton, 2021, p.40).

Lúcifer, nesse trecho, diz que ele pode estar em qualquer lugar, que sua realização não depende do exterior, nem dos outros, mas sim daquilo que deseja e decide ser. Ele faz seu próprio destino, ainda que sofra, é melhor reinar no inferno que ser escravo no céu. Ao escrever *E se eu fosse puta*, Amara Moira decide que quem faz seu destino é ela própria, que não depende de sociedade, nem família, e sim daquilo que ela deseja e decida ser. Se trago *Paraíso Perdido* aqui não é por acaso, ambos os personagens são relegados a um lugar de marginalidade para uma tentativa de apagamento, de exclusão social e identitária. Mas é na marginalidade que fazem seu destino e se tornam senhores de sua própria narrativa, não sendo escravos de nenhum céu, preferindo ser livres no seu inferno. É na margem, na prostituição, onde ela e tantas outras travestis encontram a liberdade, insurgindo

contra a norma social heteronormativa e a realização de ser quem se é. “Dois níveis então de foda-se: não só me fazer como também dizê-lo, gritar minha condição, escrever sobre a rua ao mesmo tempo que a vivo, essa agora tão minha, essa que só meus olhos e cu e boca, essa onde eu era livre” (Moirá, 2016, p.32).

Preciado (2020, p.25) após realizar sua transição sexual diz que encontrou “nessa condição de aparente assujeitamento mais liberdade do que havia tido como mulher supostamente livre na sociedade tecnopatriarcal” (Preciado, 2020, p.25), o que entendemos de liberdade aqui é compreender novos horizontes, e realizar projetos de vida, com toda energia vital, daquilo que chamamos de ser. São poucas as pessoas que se permitem sair da bolha de binaridade, que não é apenas um sistema de classificação de gêneros, mas uma percepção de como deveria ser regida a vida, uma norma social de ser e estar no mundo, que delimita o que fazer, como ser, como se vestir, do que gostar, a quem amar e de que modo amar.

Se o regime da diferença sexual pode ser concebido como um arcabouço semiotécnico e cognitivo que limita nossa percepção, nossa forma de sentir e de amar, a jornada da transsexualidade, por mais tortuosa e desigual que possa parecer, me permitiu experimentar a vida fora desses limites (Preciado, 2020, p.25).

Ao narrar o seu cotidiano como puta em um diário, sua experiência individual é ao mesmo tempo coletiva, Amara mostra ao público o lado oculto de pessoas relegadas ao apagamento e jogadas à marginalidade, escondidas nos becos escuros e nas ruas das cidades, “a travesti sendo identificada como anormal, um monstro, passa a ser indesejada, uma ameaça à ordem, à moral e aos bons costumes, sendo vítima de violência de diversas formas, física, verbal e/ou psicológica” (Andrade, 2012, p. 114). Por isso precisa ser segregada, apagada das vistas, e dos discursos. “O monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados (Preciado, 2020, p.36).

gente que só assume nos desejar na calada da noite, longe dos olhares públicos, gente que só consegue nos ver como aberrações. É necessário “desconstruir-se” para ser capaz de gostar de gente como nós, é necessário coragem pra nos tratar como gente (Moirá, 2016, p.174).

O corpo trans é ao mesmo tempo objeto de desejo e de renúncia. Desejados no escuro da noite e violentados à luz do dia. No Brasil a violência contra corpos trans e LGBT é endêmica, sendo o país que mais mata pessoas trans/LGBT pelo 15º ano consecutivo, e também o que lidera o ranking que mais consome pornografia trans em todo mundo (Benevides, 2023). Pessoas trans/travestis são consideradas como abjetas mas povoam o imaginário sexual, em uma sociedade heteronormativa que não consegue lidar com o desejo fora da binariedade e precisa matar aquele que cruza as fronteiras. [...] O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito (Butler, 2007, p.155).

Depois de gozar, possível que ele nem mais compreendesse o tesão que sentiu por mim, uma aberração, só sendo capaz de ver nojo na minha figura. Triste sina da travesti: atíçar o desejo alheio e, ao mesmo tempo, o ódio por ter despertado esse desejo. Não à toa nos matam, agridem... somos a prova viva de que ele não é tão machão padrão quanto acredita ser, quanto devia ser (Moirá, 2016, p.172).

Desejados apenas em lugares específicos, e proibidos em outros, o corpo trans e travestis são colocados à margem, restritos a lugares insalubres. A atração sentida por esses corpos precisa ser escondida como forma de assegurar a heterossexualidade vigente e buscando manter uma normatização social. De acordo com Leader (2023), nos textos clássicos a libido faz referência tanto a um estado de prazer quanto aos de raiva, portanto, destrutividade e desejo são coalescentes. Lacan (1951), em “Algumas reflexões sobre o eu”, diz que “a dimensão característica da libido é a agressão”. E também segundo Freud

Realmente, como parece que se pensa, é necessário que destruamos uma outra coisa ou pessoa, para não destruir a nós mesmos, para nos prevenirmos contra o impulso de autodestruição. Uma triste revelação para os moralistas! (tradução nossa. Freud, 1932 – 36, p. 105)¹

¹ It really as seems as thought it is necessary for us to destroy some other thing or person in order not to destroy ourselves, in order to guard against the impulsion to self-destruction. A sad disclosure indeed for the moralist! (Freud 1932-1936, p. 105)

A sexualidade é o grande motor da vida humana. É através dela que nos movemos ao encontro do outro, tanto no aspecto privado da vida amorosa, afetiva, quanto no cultural e social, como energia criativa e artística para expressar sentimentos ou subjetividades diversas. Dessa forma, Amara transforma a violência sofrida contra seu corpo em potência criativa, escrevendo e se transformando enquanto sujeito através das memórias e das relações intersubjetivas. O corpo travesti/LGBT é uma casca que é atravessada por vários discursos sociais e que causam furos no eu. É justamente esse furo, que é o impulso, a propulsão criadora. Lacan (1960) usa a analogia do vaso para explicar o ato de criação da arte. O vaso só pode ser moldado com o furo no meio, portanto o vazio é necessário para o ato de criação poética. O vaso modela, contém, o significante, “o homem é artesão de seus suportes” (LACAN, 1959 – 60). A personagem também modela sua identidade através do furo existencial, sua identidade subjetiva, e também o corpo que contém a representação da sua subjetividade. Ela (re)cria a existência, elevando aquilo antes contido em um espaço subterrâneo da sua identidade, trazendo à superfície a verdade do seu ser por meio do vazio.

O corpo é onde se apresenta a relação entre o psíquico e o somático. O corpo que narra e pode ser lido, como igual, como diferente, como dentro da norma, como marginal. É no corpo que toda essa representação simbólica irá acontecer. A pele que toca e é tocada, que abriga o dentro e o fora. O corpo e a pele aparecem em toda obra de Amara, são neles que acontece os encontros amorosos, e as violências sociais e políticas. “ainda toda insegura com o próprio corpo, doida por um elogio: sendo desejada, eu desejaria em troca, assim simples. E nisso vivi o gozo de prová-los por inteiro, cada centímetro com meus cinco sentidos” (MOIRA, 2016, p.139).

O corpo é campo de batalha e metamorfose. “Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (Merleau-Ponty, 1999, p.227). É na compreensão do externo, mundo, sociedade e cultura, que o interno se constrói, e vice-versa. “O corpo vivido é maiormente habitado sem que a sua percepção, os seus movimentos ou a sua emoção sejam retomados pela reflexão, numa relação com o mundo que, antes de ser predicativa, é carnal e corporal” (Ayouch, 2012-13, p.7).

2.4 O corpo como campo de batalha

A pele contém órgãos, fluidos, sangue, apresenta um limite entre o corpo e o mundo, mas a pele não limita o eu. O eu extrapola a pele, atravessa o campo visível. É o encontro com o mundo, não sendo a pele limitação mas expansão. “Quem é quem de verdade, a prostituta é quem vê. A nudez final, nudez, essa está reservada só pra profissional de fato, só pra quem saiba despir” (Moirá, 2016, p.186). Nem todo mundo se despe quando tira a roupa, peças de pano saem, mas as máscaras continuam. O desnudamento não se limita ao tecido. Algumas pessoas se despem mesmo com roupas. Tiram a casca, revelam o líquido interior que jorra em movimentos, sentimentos e palavras. O sexo é um dos meios pelo qual o corpo pode se expressar. Não sendo o orgasmo um fim, mas um meio, uma tentativa de compreender aquilo que somos, a que e quem desejamos. Uma continuidade do eu no outro. O sexo e o erotismo é, portanto, um meio de subjetivação.

...é a [experiência] do regresso à realidade primordial, anterior ao erotismo, ao amor, e ao êxtase dos contemplativos. Este regresso não é fuga da morte nem da negação dos aspectos terríveis do erotismo: é uma tentativa de compreendê-los e integrá-los à totalidade. Compreensão não intelectual, mas sensível: saber dos sentidos (Paz, 1994, p.28).

O que Paz denomina como “saber dos sentidos” é o conhecer-se. Olhar para dentro de si, se despindo das normas falocêntricas impostas. “O desejo – a imaginação erótica, a visão erótica – atravessa os corpos, torna-os transparentes. [...] Mais além de você, de mim, pelo corpo, no corpo, mais além do corpo, queremos ver algo.” (Paz, 1999) O erotismo é aquilo que nos faz ir além, transgredir a si mesmo e o outro. A personagem de Amara escolhe o caminho do sexo, escreve sobre e faz dos encontros mais do que uma narrativa, é sua jornada de subjetivação, para entender não apenas os “eus” que nela habitam, mas quem habita os outros corpos também. Como esse novo corpo trans se relaciona com consigo e com o mundo? Ela expande essa compreensão para além do encontro sexual, é construção social.

Quem dentre vocês que me leem se permitiria viver essa gama de transas, beijos, se permitiria sentir, fingir ao menos, tesão por esses

corpos todos que abundam nos meus braços, corpos (assim como o meu, mas de forma toda outra) rejeitados pela norma, dissidentes, resistentes, preteridos, corpos brutos, gordos, negros, peludos, com deficiência, fora do padrão de beleza, de macheza, autoestima lá embaixo, tímidos, oprimidos, travados, corpos que só se sentem à vontade conosco, que se entregam apenas em nossas camas, que padrões normativos de beleza e macheza é algumas pessoas só terem acesso à experiência do sexo por meio das putas. Até que ponto a prostituição não existe também em função disso? Há algo de Jesus Cristo em toda prostituta, esse desprendimento do “se quer ser perfeito, vai, venda tudo o que tem e dê pros pobres” (Mateus 19:21)... não à toa ele próprio afirmou que “as prostitutas vos precederão no Reino de Deus” (Mateus 21:31) (Moirá, 2016, p.126).

O erotismo é um movimento de perda desejada, pois é a partir dele que podemos nos complementar. “Tendo-se em conta as relações intrínsecas entre o erotismo e a poesia, podemos observar este se perder em si mesmo, para se auto-encontrar [...]” (SOUZA, 2010). O encontro sexual é cheio ambivalências, é se despir e se esconder, se entregar mas controlar, morrer para continuar a viver. Não a toa “*la petite mort*” é como os franceses chamam o estado pós gozo sexual, uma pequena morte em vida. Uma sensação intensa de entrega que se assemelha a um estado catártico, uma descontinuidade da vida.

Nunca um corpo poderá “penetrar” a abertura de um outro, excepto se o matar (e é por isso que há todo um léxico sexual, que não é mais que um léxico de assassinio e de morte). Mas que um corpo esteja “dentro” de um corpo, ego “em” ego, isso por si só não “abre” nada: é em contato com o aberto que o corpo já se encontra, infinitamente, mais que originariamente: e é em contato com isso que tem lugar essa travessia sem penetração, essa confusão sem fusão (Nancy, 2000, p.28).

Segundo Bataille (2004, p.13) “essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação”, o ato sexual é um ato violento, que envolve gestos e também linguagem, palavras que nos remete ao esfacelamento do outro como penetrar, comer, arrombar, meter. A prostituição de rua também é chamada no livro de Amara como “batalha”. “(...) A própria noção de uma “retórica da violência” pressupõe que alguma ordem de linguagem, algum tipo de

representação discursiva está em ação não apenas no conceito de "violência", mas também nas práticas sociais de violência" (Lauretis, 1992, p.32)².

Amara nos conta o que aqueles seres tão nus, de roupas e de máscaras, se atrevem durante os programas. Ao escrever se reinventa no próprio texto, transforma a violência do sexo em testemunho, e o testemunho em poesia.

Não sei se por estar trabalhando em texto os programas que faço (e com isso forçando uma reflexão), ou se é porque a coisa ser violenta mesmo e eu só aos poucos estar me dando conta disso, a questão é que cada vez mais, cada novo cliente que me aparece, a experiência da rua se torna mais parecida com uma experiência de abuso, violência [...] (Moirá, 2016, p.94).

Essa memória da violência precisa ser reconstituída em algo, transformada em subjetividade através da narração. As palavras transformam o ato sexual em poesia, e permite que a identidade, antes ainda incerta da personagem, vá se solidificando ao longo do livro. Se no início temos uma persona ainda insegura, já no fim da narrativa ela se transforma em quem domina a cena, chama os clientes de lixo, e sabe o que quer e o que esperar de cada encontro sexual, não se deixando mais ser inocentemente enganada pelo discurso dos homens que a procuram. Em cada programa ela se multiplica.

O conto me protege da interação com esse outro tão nu, me protege do que ele tão nu é capaz: eu personagem já imaginando as palavras à medida que a cena avança, pensando qual o recorte, o foco, onde botar a vírgula, onde o ponto final. Soubessem disso os clientes, soubessem o que entregavam pra mim, que me vendiam a alma, talvez preferissem me pagar melhor... menos risco de aparecer nessas páginas (Moirá, 2016, p.186).

A violência não está apenas na cama do hotel com um cliente desconhecido, mas também ao andar em uma praça pública às três horas da tarde. O cotidiano das travestis é perpassado por violências, ela é o pano de fundo da sua existência. Assim, elas se veem obrigadas a reafirmar a todo instante direitos básicos de vida, como o simples ato de andar em espaços públicos à luz do dia ou andar de mãos dadas com alguém. "A prostituição é uma experiência de trabalho como qualquer

2 "(...) the very notion of a "rhetoric of violence" presupposes that some order of language, some kind of discursive representation is at work not only in the concept "violence" but in the social practices of violence as well." (LAURETIS, 1992, p.32).

outra, além de ser a única esfera onde podem ser admiradas e reconhecidas”. (Kulick, 2008) “A transfobia nos exclui, a prostituição nos abraça e a putafobia amplifica a exclusão a que já estamos sujeitas meramente por existir” (Moirá, 2016, p.176).

Em um país tão dicotômico como o Brasil, que mais mata travestis e transsexuais mas também líder em pornografia do mesmo gênero, a prostituição faz com que as travestis se sintam ao mesmo tempo desejadas e postas em constante risco de vida. “A prostituição faz com que as travestis se sintam sexy e atraentes. É o único contexto em que elas podem desenvolver autoestima, autoconfiança, valor pessoal, além de se sentirem como objeto de verdadeiro e intenso desejo”. (Kulick, 2008)

Mas cá estou eu, dois anos atrás, enfim travesti. Sabe-se lá o que me deu, de onde veio a coragem, uns mesezinhos de hormônio, corpo nem lá nem cá, meio a meio, solidão corroendo por dentro, eu ardendo por um toque íntimo, um “como você tá linda”, “olha só você” e nada. Travadérrima, medo de deixar quem quer que fosse se acercar de mim, mas, quando visitava as amigas na batalha, não tinha jeito, chuva de quanto você cobra, quero você, gostosa, só me diga o preço. Homens. Ali era permitido desejar meu corpo, ali, somente ali, onde esses que me desejavam eram não mais que sombras (Moirá, 2016, p.32).

De acordo com Merleau-Ponty (1999, p.236) “a sexualidade é dramática porque engajamos nela toda a nossa vida pessoal”, é a forma como o “corpo molda sua existência (o encontro corpo-mundo)” (Merleau-Ponty, 1999, p.236). Por isso falar sobre sexo e sexualidade é tão complexo e difícil para algumas pessoas, é expor a parte mais íntima de si. É na fantasia sexual que nos desdobramos, e abrimos o mais cru do nosso ser, quando essa parte frágil se expõe a violência e agressividade se mostra, temos vergonha de nós mesmo, e daquilo que sai de nós.

Não à toa nos matam, agredem... somos a prova viva de que ele não é tão machão padrão quanto acredita ser, quanto devia ser. Imagina se descobrem? Passado o gozo, não há mais tesão para fazer com que tenham coragem de interagir conosco: nem oi, nem tchau, sequer um sorriso. No melhor dos casos, a indiferença (Moirá, 2016, p.172).

Em toda profissão reconhece-se que há mais da pessoa para além do ambiente de trabalho. Uma professora é mãe, esposa, ativista, possui algum hobby, entre outras atividades que alguém possa praticar. Mas a sociedade define as prostitutas apenas pelo sexo pago, como se o ato de se prostituir fosse feito 24h por dia, sete dias por semana. A prostituição se torna a maior parte daquilo que é a pessoa, e não apenas sua profissão, mas a própria essência, sendo a pessoa trabalhadora sexual diminuída apenas ao seu sexo.

eu toda suada depois de um dia na rua, dando aula até quase 21h (professora de português também, trabalho voluntário: dar aula é minha outra paixão junto com ser puta, mas só cursinho popular pra contratar professora igual eu) (MOIRA, 2016, p.159).

O corpo travesti não é visto como um corpo privado, mas sim como uma mercadoria. A partir do momento que se torna travesti imediatamente a sociedade entende o sujeito como prostituta, o corpo passa a ser aberto, exposto, público, impuro. “A imagem socialmente exposta é aquela em que a travesti é rejeitada pela família, escola ou sociedade, tendo como única saída à prostituição.” (Andrade, 2012, p.16). Apesar desta visão social ainda existir, as travestis não estão presas somente a isso. Segundo Foucault (2011) a sociedade ocidental vinculou o tema da verdade com a sexualidade, ou seja, a verdade sobre o seu sexo é a verdade sobre si. “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (Weeks, 1995, apud Louro, 2001, p.14). O sujeito que se prostitui é reduzido ao sexo que faz, e com quem faz, não sendo entendido como sujeito de direito e subjetivo, passível de paixões, interesses pessoais, intelectualidade, mães ou pais. Ou seja, considerando o corpo apenas como objeto de trabalho e não todos os outros contextos sociais da sua vida.

Somos um palco de experiências, metamorfoses e performances. Tudo o que nos acontece passa pelo corpo, que guarda não apenas os traumas vividos pelo sujeito, mas também a urgência de se expressar, seja pelo movimento, da dança, do esporte, da escrita ou da performance sexual, o corpo está sempre em direção a algo. O que é o sexo senão uma performance dos corpos? Uma cena que expõe pele, corpo, máscaras, desejos, fantasias, fluidos, cheiros, movimentos, falas, dois, três ou mais personagens. “O sexo é um fortíssimo, benéfico e necessário

estimulante da vida humana, e todos ficamos reconhecidos ao sentir-lhe o quente e genuíno fluxo que em nós penetra como uma espécie de sol” (Lawrence, 1984, p.3).

Segundo Bataille (2004) o erotismo é uma “experiência ligada à vida, não como objeto de ciência, mas paixão, mais profundamente, uma contemplação poética” (Bataille, 2004, p.31). O sexo e a sexualidade têm sido ao longo de toda humanidade fonte inesgotável de literatura, poética, estudos e teorias. É inegável a força criadora que o sexo e a sexualidade têm diariamente na vida. Platão escreve sobre sexo e amor em “O banquete”, a psicanálise nasce com o estudo da histeria e sexualidade feminina, e mais recentemente vemos o boom da literatura erótica com diversos best seller como Cinquenta tons de cinza e “O doce veneno do escorpião”. Entretanto mesmo com tanto acesso fácil à pornografia e conteúdos sexuais, nem todo mundo tem o sexo que deseja.

Afinal, prostituição é isso, nem todo mundo ter acesso fácil ao sexo que deseja, ao sexo que a vida lhe fez desejar. E onde senão aqui o fio terra, a garganta profunda, chicote, consolo, beijo grego, chuva dourada, até o papai-mamãe se for isso o que te tira do sério. O cliente, ali é que ele se vê pleno, pra além das máscaras e encenações: sem o gozo que extraio cirúrgico de seu genital, quanto de sua vida mentida era ainda possível? (Moirá, 2016, p.186).

A escrita de Amara procura a todo momento testar os limites do texto, do corpo, da transgressão, de si, e registra os efeitos que a experimentação sexual produz, aquilo que pertence a ela e aquilo que a transforma. Lawrence (1984) afirma que

Aquilo que consegue ultrapassar-me é o impulso da vida no interior de mim próprio, vida que me obriga a esquecer de mim e ceder ao violento, mas só meio consumado, impulso que me leva a destruir a grande mentira do mundo e a criar um novo mundo (Lawrence, 1984, p.8).

Amara nos apresenta o seu mundo, sem censuras, escreve sem ter vergonha de quem se é e quem pode ser. A ficção é o meio de compor o real.

3. CONCLUSÃO

O livro de Amara nos permite reconhecer as trabalhadoras sexuais como vozes importantes não apenas para entender o trabalho sexual mas para entender a sociedade e o trabalho como um todo. Trabalhadores sexuais estão em contato diário com o que há de mais profundo na natureza humana, sexo, desejo, fantasias e, por que não, a psique humana? A imagem erótica, a vivência erótica, é o motor da vida e do desejo, e são as trabalhadoras sexuais que estão todos os dias em contato com o mais cru e nu do ser humano.

A escrita explícita de Amara tem suma importância para os estudos de gêneros, pois traz à superfície aquilo que a sociedade tenta ocultar no escuro das ruas, nas vielas, nas madrugadas. Por que ainda insistimos em demonizar aqueles que trabalham com sexo mas não aqueles que pagam por isso, e ainda por cima se veem no direito de matar, violentar, abusar desses corpos? Ela abre espaço para a possibilidade de sair da margem, de conquistar cada vez mais espaço à luz do dia. Sendo respeitada como indivíduo de direito e não como um corpo público e marginal.

Apesar de as travestis terem conquistado a possibilidade de sobreviver no centro, e não apenas à margem da sociedade, elas ainda sofrem com os estereótipos do passado, pois ainda são vistas como sinônimo de marginal e atentado ao pudor, uma espécie de afronta à moral e aos bons costumes (Andrade, 2012, p.16).

Infelizmente a prostituição ainda é o espaço que muitas travestis têm para trabalhar, algumas por opção, outras nem tanto, e não digo infelizmente por conservadorismo, mas sim porque deveria existir mais espaços, mais oportunidades, mais segurança para existir como pessoa, e não ter medo da violência cotidiana que elas enfrentam na “batalha”, com medo de viver sem dinheiro ou trabalhar e não voltar viva.

Mas penso, isso sim, em construirmos redes de afeto, redes com pessoas que nos tratem como gente, um amor militante, construído, desconstruído, que nos ajude a cultivar o desapego, a combater a ideia de amor como posse, exclusividade, a ideia de conciliação entre amor e sexo (imagina a violência disso, ver-se prostituta e ainda

assim acreditar que amor e sexo devem andar juntos?), a problematizar essas expectativas românticas que só nos violentam, que só nos deixam reféns nas mãos de gente que não merece nosso amor, nosso tesão, nossas lágrimas. Talvez isso nos fortalecesse para enfrentar os joguinhos a que esses mesmos irresponsáveis nos submetem cotidianamente, já que teremos de enfrentá-los de qualquer forma. Talvez isso nos permitisse mais autonomia para nos impormos melhor numa relação com quem quer que fosse e, ao mesmo tempo, isso ajudaria mais pessoas a se desconstruírem o suficiente para conseguir sentir amor por nós (Moirá, 2016, p.179).

O processo de subjetivação nunca está pronto, mas em constante construção, a personagem de Amara se constitui constantemente a partir de seus relatos. Dar voz a narrativa de si permite uma nova visão de quem se é, enquanto se constrói como self e como texto narrativo, e por meio disso impactar mais pessoas, e chegar patamares antes nunca alcançados, fazer o discurso e o testemunho ir além de si.

4. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luma Nogueira (2012). Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ARAUJO, Pedro Galas. Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. 107f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9975>>. Acesso em 16 de dez. 2024.

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023 / Bruna G. Benevides. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) – Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. 125p.

BATAILLE, Georges. 2004, O Erotismo. Trad. Cláudia Fares. São Paulo. Editora Arx. 2004: 27

BUTLER, Judith. *El género en disputa*. Médico: Paidós, 2001.

_____. *Questões de gênero. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

BUTLER, PRINS e MEIJER. "How Bodies Come to Matter: An interview with Judith Butler", em *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 23, n. 2, p. 275-286, 1998 by The University of Chicago Press. Traduzido para o português com permissão da University of Chicago Press.

BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CASTELLO, José (2012). O poder da literatura. Blog de José Castello. O Globo, Rio de Janeiro, 30 maio. On-line. Disponível em: <https://goo.gl/6ef6Tk>

Kulick, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro. 26.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade*. Vol. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

_____. *Archivio Foucault* (Vol. 3: Esteticadell'esistenza – A cura di Alessandro Pandofi). Milano: Feltrinelli, 1994.

FREUD, S. *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen* (1907[1906]). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9, p. 13-88).

FREUD, S. Standard Edition of the complete psychological work of Sigmund Freud, v. XXII (1932 – 1936)

_____. O ego e o id (1923), Vol. XIX.

LACAN, J. (1956-1957/1995) *O Seminário livro 4, A relação de objeto* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1998). A coisa freudiana. In Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar (Obra original publicada em 1955a).

LACAN, Jaques. O seminário, livro 1, Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LAURETIS, Teresa. The Violence of Rethoric. In: di LEONARDO, Micaela and LANCASTER, Roger. *The Gender/Sexuality Reader □ Culture, History, Political Economy*. New York, Routledge, 1997.

LAWRENCE, David Herbert (1984). Pornografia e obscenidade. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Etc.

LEADER, Darian. Gozo: Sexualidade, sofrimento e satisfação. Tradução: Vera Ribeiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. (Org.) Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. NORONHA, Maria Gerheim.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet. (Org.) Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 7-10.

LONGARAY, Deisy; RIBEIRO, Paula. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. Artigo. Rev. Estud. Fem. 24 (3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p761>

LOUISY, de Limas (2014). *La petite mort: transgressão e gozo erótico* (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 123 páginas

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999

MILTON, John, 1608-1674. Paraíso perdido [livro eletrônico] / John Milton; tradução: Antônio José de Lima Leitão. – 1 ed. – São Paulo: Martin Claret, 2021

MOIRA, Amara. E se eu fosse puta. São Paulo: Hoo, 2016.

MONTEIRO, Ana Claudia Lima, Corpo-narrativa: considerações a partir de um corpo que dança. Pesquisas e Práticas Psicossociais 6(2), São João del-Rei, agosto/dezembro 2011.

NANCY, Jean Luc. Corpus. Lisboa. Ed.Veja. 2000.

PAZ, Otavio. A dupla chama: amor e erotismo. 2.ed. trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1995.

PAZ, Otavio. (1999). *Um mais além do erótico: Sade*. São Paulo: Mandarim. (Trabalho original publicado em 1993).

PELÚCIO, Larissa. Três Casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 14, n.2, 2006.

PERES, William Siqueira, & Toledo, Lívia Gonsalves. (2011). Dissidências Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Psicologia Política*, 11(22), 261-277

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução: Carla Rodrigues – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SCHEFLER, M. de L. RAGO, Margareth. A AVENTURA DE CONTAR-SE. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. *Revista Feminismos*, [S. l.], v1, n.2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29973>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SOUZA, Mailza R. Toledo e, Do corpo ao texto: a mulher inscrita/escrita na poesia de Hilda Hilst e Ana Paula Tavares. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, 204 p.

SOUZA, Mailza R. Toledo e, Do corpo ao texto: poetização do erotismo e erotização do poético, um jeito de (in)escrever mulher. *Via Atlantica* Nº 18, São Paulo – SP, p. 177 – 189, DEZ/2010.

WEEKS, J. 2010. "O corpo e a sexualidade". In: LOURO, G. L. (org.): O corpo educado: Pedagogias da sexualidade. pp. 37-82. Belo Horizonte: Autêntica.